



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao receber homenagem do Hospital Sarah Kubitschek

Brasília-DF, 13 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,
Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Meu caro amigo e companheiro, doutor Aloysio Campos da Paz,
presidente do Conselho Administrativo da Rede Sarah de Hospitais de
Reabilitação,

Minha querida companheira Lúcia Braga, presidente da Rede Sarah de
Hospitais de Reabilitação,

Companheiros e companheiras funcionários dos hospitais da Rede
Sarah de todo o Brasil. Vocês, da técnica, aí, ficaram devendo o Rio de
Janeiro. Mas, de qualquer forma, como eu participei da inauguração, eu sei
como é que é.

Antes de ler aqui o meu pequeno discurso, queria dizer duas coisas para
você. Eu vivi, nesses oito anos de mandato, em se tratando de saúde,
Temporão, dois momentos que eu considero quase momentos de insanidade.
Um foi o dia em que a companheira Lucinha me aparece com o Gilberto
Carvalho na minha sala para dizer que o governo federal tinha deixado de
mandar R\$ 900 mil para o Hospital Sarah do Rio de Janeiro, que estava em
fase final de conclusão, e, ao deixar de passar R\$ 900 mil, a Rede Sarah tinha
que dispensar os 300 trabalhadores que estavam trabalhando, o que é grave. É
que essa decisão, quem a tomou, que não foi o ministro da Saúde na época, o
companheiro Agenor... nós estávamos no mês de agosto de 2006, portanto,
três meses antes das eleições para presidente da República, onde eu era
candidato a reeleição.



Eu só posso compreender que tinha alguma coisa de má-fé nisso, porque como é que você pode suspender a conclusão de um hospital por [falta de] R\$ 900 mil? Eu lembro que depois que a Lucinha chegou na minha sala com o Gilberto, nós ligamos para o ministro Agenor, eu expliquei para ele a situação, e foi tão rápido, Temporão, que deu para recontratar os funcionários que iam ser dispensados e, portanto, nós concluímos o hospital, com um pouco de atraso, mas concluímos o hospital que é um extraordinário... não apenas uma peça arquitetônica, mas, sobretudo, um lugar de cuidar de brasileiros e brasileiras que precisam de tratamento médico.

O outro momento, Sarney, foi aquela, eu diria, fatídica noite do fim da CPMF. Eu digo isso com uma certa mágoa, porque só existe uma explicação para terem tirado a CPMF do orçamento da União: ódio, rancor e maldade. Porque, se vocês pensarem bem, nesses quatro anos do segundo mandato, se vocês fizeram o somatório, nos tiraram mais de R\$ 150 bilhões, dos quais no programa aprovado por unanimidade das pessoas que participaram da conferência de Saúde, o PAC da Saúde previa um investimento direto na Saúde de R\$ 24 bilhões a mais. Ou seja, nós tínhamos uma coisa extraordinária que era para recuperar a respeitabilidade da sociedade brasileira na saúde pública brasileira. E, em um ato de insanidade, em uma noite que não tem explicação, nos tiraram 40 bilhões por ano, que, se somar os reajustes normais, nós ultrapassaremos, quem sabe, os R\$ 150 bilhões, que o companheiro Temporão não teve para aplicar na Saúde.

Eu digo todo dia que eu não vi nenhum produto no supermercado com 0,38 [%] de redução no preço para vender ao consumidor. Entretanto, nós perdemos R\$ 150 bilhões e, ao deixar a Presidência da República, eu quero dizer Lucinha, que não existe hipótese de a gente pensar em melhorar a Saúde no Brasil, se a gente não pensar em uma forma de arrecadar mais recursos para a Saúde, até porque nós precisamos que as pessoas mais pobres tenham acesso à alta complexidade que os ricos têm neste país. E têm por conta de



um plano médico que pagam, que deduzem no imposto de renda e que, portanto, quem paga é o povo brasileiro... essa coisa extraordinária. Eu digo por mim: eu tenho um plano médico caro, eu uso todas aquelas máquinas que a gente usa nos hospitais: deita passa em uma, passa em outra, nunca vi... O médico nem fala mais “Bom dia nem boa tarde” para a gente. Você chega a um hospital, manda colocar a roupa e “pá”, deita na máquina um, deita na máquina dois, deita na máquina três, deita na máquina quatro, na máquina cinco; quando você está cansado de deitar, aí vem um técnico e fala: “Você tem isso, isso, isso” e acabou. O povo pobre tem que ter direito, pelo menos, a isso, e todo mundo sabe que isso custa dinheiro. E nós Temporão, independentemente... A Presidenta nós já sabemos quem é... Independentemente de quem venha a ser ministro da Saúde, ele sabe que tem uma tarefa imensa de organizar deputados e senadores para que a gente possa, sei lá de que forma, arrumar recursos para cuidar da Saúde com muito mais carinho do que nós cuidamos.

Então, eu queria dar esse recado porque vai ser minha última fala com os companheiros e companheiras da Rede Sarah de todo o território nacional: de Belém, de Belo Horizonte, de Brasília, de Fortaleza, de Macapá, do Rio de Janeiro, de Salvador e de São Luís. Eu acho que vocês são funcionários excelentes em um hospital de excelência, agora, eu peço a Deus nunca precisar de vocês. Eu quero encontrar vocês em outras circunstâncias e não aqui dentro.

Bem, agora eu vou ler o discurso aqui que o Gilbertinho escreveu, se eu não ler... Bem...

Eu gostaria, doutor Aloysio, de dizer que nesses oito anos de tantos momentos de satisfação, receber o título de consultor honorário da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação é motivo de orgulho extraordinário para mim, afinal, em 16 anos, desde a criação desta honraria, apenas três personalidades tiveram o privilégio de recebê-la, e as três são renomados cientistas



reconhecidos no mundo inteiro pelas inestimáveis contribuições à Medicina: o cirurgião Robert Duthie, a neurocientista Anne Lise Christensen e o médico Lynn Staheli.

O orgulho é ainda maior porque este título é conferido por uma instituição que se tornou sinônimo de excelência em todo o mundo médico-hospitalar. Uma instituição que, ao longo de 50 anos comemorados no último dia 21 de abril, juntamente com Brasília, conquistou admiração unânime por seu brilhantismo, capacidade profissional e condução pautada pelo respeito aos mais altos valores humanos.

A Rede Sarah atinge nada menos de 98% de satisfação dos seus usuários, e entre eles há gente de todos os extratos sociais, o que certamente nos leva a admitir que está a um passo da perfeição.

Aqui, uma coisa importante. Eu comparo a Rede Sarah à praia de Copacabana. Na praia de Copacabana, você... o cidadão põe um *short*, uma sandália, aí ele se mistura, você não sabe se ele é francês, se ele é inglês, se ele é italiano, se ele é artista, se ele é pobre, se ele é de favela, ou seja, o cara vira o melhor do mundo. Imagina: domingo de sol, um *short*, uma sunga, uma praia, e se tiver, ainda, cinco pilas para tomar uma caipiríssima, será a conquista máxima.

O Sarah é um pouco isso. O Sarah, a gente não consegue distinguir quem é pobre ou quem é rico porque todo mundo recebe o mesmo tratamento, com o mesmo carinho, e as famílias têm que aprender a cuidar dos seus... porque se não fosse a Rede Sarah, muita gente começa a ver defeito nos seus quando eles começam a ter problema, a escondê-los dentro de casa, a confiná-los. Vocês, aqui no Sarah, ensinaram a nós, seres humanos, a ser mais humanos, a ser mais solidários, a ser mais companheiros.

Durante muitos anos, falou-se que o melhor hospital de Brasília era o aeroporto. Eu mesmo disse isso. É verdade, porque uma vez, dr. Aloysio, eu estava com uma dor, uma dor, uma dor insuportável, e eu fui ao médico, na



Câmara. E faz exame daqui, faz exame de lá... eu não vou dizer o que o médico disse que eu tinha. Mas de qualquer forma, eu voltei para o meu gabinete – eu era líder do PT – voltei com a mesma dor, com a mesma dor. Aí, eu estou na mesa, na liderança do PT, o Vitor Buaiz, que foi governador do Espírito Santo e prefeito de Vitória, era médico, ele falou assim para mim: “Lula, deita na mesa”. Eu deitei na mesa, ele apertou. Ele falou: “vou apertar e vou soltar”. Quando ele soltou, me deu uma dor insuportável. Ele pegou o telefone e falou: “Lula, eu vou ligar para o doutor Aidan, você corre para São Paulo, porque aqui não vão te tratar direito”, e eu fui para São Paulo. Era uma apendicite que estava quase supurando. E eu disse, naquele dia, que o melhor hospital era o aeroporto. Eu lembro que os médicos de Brasília fizeram um protesto contra a minha fala.

Hoje o melhor hospital da capital fundada por Juscelino Kubitschek – que significativamente leva o nome de sua companheira de toda a vida – é motivo de orgulho para cada morador da cidade. E suas unidades são objeto de desejo em todas as capitais do país.

Administrada pela Associação das Pioneiras Sociais, a primeira instituição pública não estatal brasileira, a Rede Sarah transpôs as fronteiras de Brasília.

A partir de um bem-sucedido contrato de gestão firmado com a União, que hoje renovaremos – já foi renovado – a Rede oferece gratuitamente serviços de altíssimo nível em Salvador, São Luís, Belo Horizonte, Fortaleza, Belém, Macapá e Rio de Janeiro. Juntas, as dez unidades da Rede Sarah atendem a uma média diária de 6.662 pacientes, e já superaram a marca dos 18.375.711 procedimentos de assistência médica e reabilitação neste ano.

Ao investir no trinômio atendimento humanizado, pesquisa e qualificação profissional, a Rede Sarah tornou-se uma das instituições médico-hospitalares que melhor atendem aos pressupostos do Artigo 6º da Constituição, segundo o qual a saúde é um dos direitos sociais garantidos pelo Estado brasileiro.



Muito me honra receber este título aqui hoje, com o doutor Aloysio Campos da Paz Junior e com o arquiteto João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé, que não está presente – esse é o problema de trazer discurso por escrito, é porque você... –, humanistas da melhor estirpe que dedicam todo o seu talento para garantir maior qualidade de vida a uma parcela significativa da população brasileira.

Não poderia jamais me esquecer da nossa querida doutora Lúcia Braga, psicóloga, que ao longo de 30 anos tornou-se exemplo vivo da acertada política de qualificação e valorização do quadro de profissionais adotada desde sempre na nossa querida Rede Sarah.

Bem sabem todos aqui presentes que as maiores limitações humanas não são as criadas pela natureza nem as geradas por circunstâncias fortuitas. São as limitações impostas pelo preconceito, pelo apego a ideias obsoletas e, principalmente, pelo medo de tentar o que todos consideram impossível.

O doutor Aloysio Campos da Paz é um mestre em ajudar as pessoas a superar suas limitações porque ele próprio lutou contra as barreiras do conformismo e do descrédito, defendendo a ideia de que é perfeitamente possível ao setor público brasileiro desenvolver um serviço de excelência.

A cada dia essa ideia é comprovada na prática pelo alto grau de eficiência da Rede Sarah, resultado obtido a partir de uma declaração de princípios que poderia se tornar o segundo Juramento de Hipócrates de todo formando em Medicina no Brasil.

Esses princípios estão exemplarmente sintetizados em uma frase que se tornou a marca desta instituição. Diz a frase: “Aqui você não paga. A Rede Sarah retorna, em serviços de saúde, os impostos pagos pelo cidadão”.

Como parceira da União desde [19]91, a Rede Sarah faz jus a cada centavo que lhe é destinado no orçamento público. Por esse motivo, por quatro vezes aceitei, com muita alegria, os convites para participar de inaugurações da instituição. E hoje dou meus parabéns a todos os seus dirigentes,



profissionais, trabalhadores, colaboradores e a todos vocês que estão aqui.

Continue assim, Rede Sarah, prestando serviços da melhor qualidade ao nosso povo e se aperfeiçoando sempre. Vocês fazem um trabalho que é um exemplo para o Brasil e para muitos lugares do mundo.

Gostaria, querido ministro Temporão, gostaria, presidente Sarney, que a gente pudesse chegar um dia, ainda com todos nós em vida, que a questão da Saúde não fosse mais tratada como despesa do Estado. Eu, muitas vezes, não me conformo com os conceitos que foram se criando no Brasil do que é gasto e do que é investimento, como se a gente tratar bem as pessoas fosse gasto. Eu ouvi, da boca de companheiros ligados à Saúde, dizerem: “Presidente, a gente não pode fazer tal hospital do Sarah porque custa muito caro, é muito gasto”.

Ora, eu fico imaginando, eu fico imaginando se é gasto a gente tratar as pessoas com carinho, se é gasto a gente tratar as pessoas passando para elas a esperança. O grande problema é que as pessoas precisam se sentir confortáveis dentro de um hospital. O hospital não pode ser um martírio, em que a pessoa vai pensando na agonia. O hospital tem que ser um lugar em que as pessoas se sintam bem, mesmo sabendo que vão ter momentos de dor, momentos de sacrifício, elas vão ter que se sentir bem. E eu posso dizer para vocês que dentro do Sarah Kubitschek as pessoas até pensam que vão para outro lugar e não para um hospital, porque tem uma cumplicidade de cada um de vocês: tem uma cumplicidade do médico, tem uma cumplicidade da enfermeira, tem uma cumplicidade da faxineira, tem uma cumplicidade das pessoas que servem café. No fundo, no fundo, no fundo, vocês formaram uma boa confraria, que faz as pessoas se sentirem bem, que faz as pessoas se curarem antes de chegar lá. Às vezes, até a esperança leva as pessoas a um prazer, a uma crença maior do que o que a gente pode fazer. Mas o que seria do mundo se a gente não acreditasse no impossível, se a gente não tivesse esperança e se a gente não estivesse sempre pensando no melhor?

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras do Sarah de



todo o território nacional - mesmo aqueles que a tecnologia não permitiu que a gente visse - eu queria que todos vocês tivessem certeza do seguinte: vocês são, hoje, e continuarão sendo amanhã e por todo o sempre motivo de orgulho do nosso país na área da Saúde.

Um grande beijo, um abraço. Parabéns, Temporão. Parabéns, Aloysio, e parabéns, Lucinha.

(\$211A)